

Marcelo Cidade***O espaço entre você e eu***

O espaço público possui uma ordem adquirida por meio dos usos e das relações que os corpos estabelecem com a cidade. Avenidas, escadarias, corredores, becos, praças, pontes e ruas são conceitos que conjugam ordens espaciais distintas: embaixo e acima, dentro e fora, claro e escuro, margem direita e margem esquerda.

Esses espaços, que o cientista da comunicação Harry Pross (1923-2010) entende como “intermediários”, constituem lugares de encontro, intercâmbio, comunicação e troca, já que aqueles que circulam por eles não se encontram constrangidos pela coerção simbólica representada pela ordem do espaço privado.

Os trabalhos que integram a nova individual de Marcelo Cidade, *O espaço entre eu e você* refletem a prática diária do artista de perceber o espaço público, numa operação de observação e de apropriação de elementos que posteriormente são deslocados e reorganizados. Cidade pensa seu próprio corpo na cidade a partir de seus deslocamentos por ela. O título da mostra aponta para o que há entre dois corpos para refletir acerca do espaço público numa cidade como São Paulo, onde decisões unilaterais que beneficiam interesses privados definem as formas de uso da cidade.

Para Cidade, as políticas públicas adotadas por governos recentes aniquilaram o princípio de bem estar social que deveria gerir a vida em comunidade. No lugar de agregar, essas políticas dividem. A lógica da gentrificação, aposta neoliberal em voga, investe no espaço privado, na porta de aço como a fronteira doméstica entre o dentro e o fora, entre o público e o privado. Para Cidade, essa problemática social determina nossas relações com o espaço e com o outro. O espaço entre eu e você, nos dias de hoje, é um espaço segregação. É uma grade.

Como Pross, Cidade organiza a exposição a partir de dicotomias, como dentro e fora, embaixo e acima.

Na fachada da galeria, o visitante se vê diante de uma imagem única, padronizada. A obra *O grid e a grade* (2020) é uma apropriação de uma imagem que circulou em todos os jornais no Brasil na data do julgamento do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, quando a Esplanada dos Ministérios foi dividida por um gradil, separando as pessoas favoráveis e contrárias ao processo. Nessa grade de repetições agigantada, Cidade dissolve a problemática embutida na imagem criando uma diluição ótica, um desconforto visual.

Com esse sentimento, o visitante chega à recepção onde encontra duas obras que lidam com a percepção do tempo. Em *Instante estante* (2022), Cidade planifica duas estantes de metal marcadas pelo uso. Na obra, a ideia é congelar a função utilitária que esses objetos tiveram num outro momento, criando uma reorganização bidimensional.

A grade (grid) como forma lógica de organização de objetos diversos é algo que aparece em todas as obras da exposição: o grid do norte marcado pelo pensamento racionalista de Le Corbusier que busca organizar, e a grade que controla o corpo sensível, no sul.

Na sala 1, o visitante se depara com a obra Ato falho (2023), composta por painéis de alumínio em diferentes tamanhos. “Escolhi os formatos a partir das dimensões de portas de aço que dividem o espaço público. São portões e janelas sobre os quais vemos um padrão (pattern) composto por adesivos coloridos que, quando olhados com atenção, nada mais são do que anúncios de empresas que fazem manutenção e consertos de portas de aço.”

“Esses adesivos têm uma história particular, pois eu os colecionava. Eu passava pelas portas de aço da cidade, arrancava esses adesivos e depois fazia graffit sobre as superfícies. Aí, eu me perguntei, por que não fazer um trabalho de composição que sugira uma decomposição? O que eu faço é decompor o trabalho da rua, o trabalho de alguém que foi lá e colou; arranco aquilo quase como uma ação de limpeza do espaço público; reorganizo de maneira que eles se tornem visíveis, respeitando um formato de grade. Nesse caso, não uso réguas, mas componho pelo grid do meu olho, um grid humano, um grid antropométrico em que há erro, há sujeira, há marca de dedos. As medidas não são exatamente perfeitas e iguais. Os próprios adesivos, por terem sido retirados do espaço público, são velhos, rasgados e sobrepostos. Nenhum deles é novo.”

Esse procedimento de colar adesivos constitui um trabalho informal. Normalmente, ele é feito por crianças que saem de manhã pelas ruas do centro da São Paulo colando adesivos, numa ideia que repete a prática do graffit. Quem anda pela cidade não percebe essa ação pois ela é engolida pela arquitetura. Na obra, não. Nela, os adesivos aparecem em primeiro plano. O alumínio é um material que reflete luz. Cidade escolheu um material muito próximo daquele usado em portas de metal, mas que é o oposto. “As portas dos estabelecimentos do centro da cidade normalmente são sujas, maltratadas e eu queria um material intocado que refletisse o observador.” No cubo esses trabalhos estarão um de frente para o outro gerando a ilusão de um espaço ampliado: “ele não é um espelho, nem um vidro, mas há um rebatimento de luz que causa uma certa tontura, um lixinho urbano que surge do deslocamento e da apropriação.”

Higienópolis (2022), trabalho que estará no primeiro andar da galeria, surge, como os demais, a partir de deslocamentos pela cidade. Na obra, essa operação funciona de maneira inversa, em que o artista já não se apropria do objeto em si. Nesse caso, Cidade colecionou imagens das lixeiras que ocupam as calçadas do bairro Higienópolis, em São Paulo. As imagens foram captadas durante a pandemia, em caminhadas matinais, momento do dia em que essas lixeiras ainda estão vazias. As imagens foram feitas de costas para os edifícios. Então, o que se vê é a rua organizada pela grade da lixeira. Retangulares, essas lixeiras têm formas que estabelecem uma relação de proporção áurea com o corpo humano. As imagens foram montadas em conjuntos de 30 fotos em 6 caixas de madeira similares às usadas em condomínios para divulgação de informativos.

Voltando para a área externa da galeria, Cidade montou no terraço Uma churrasqueira muito triste (2023), que também emprega a ideia de apropriação de uma estrutura pré-moldada com função específica. Cidade reorganiza e remonta as partes de maneira que alude a uma escultura pública formalista. Mais uma vez, o objeto perde sua função social.

O rompimento da barragem da Vale S.A., em Brumadinho, em 2019, foi um dos maiores desastres ambientais da mineração no país, e o segundo maior desastre industrial do século. Depois da sedimentação da mente (2019-2020), projeto que antecede os demais incluídos na exposição, foi criado após o rompimento da barragem. Para criá-lo, Cidade convidou três “cúmplices”, que embarcaram numa viagem de carro carregando 60 litros de água.

“Eu queria ser cúmplice daquela destruição e criei um cúmplice do cúmplice. Entendo esse trabalho e todos os outros da exposição como performances que têm o deslocamento do meu corpo como fator de atuação em gestos de registrar (lixear), arrancar (adesivos), transportar (terra), deslocar (ruína). O corpo é parte disso.”

Um dos cúmplices, o curador Germano Dushá, assina o texto – diário de bordo da viagem, que poderá ser lido no espaço expositivo. Robert Smithson (1938-1973), e seu conceito de Non Site, surge como um novo cúmplice sugerindo formas de perceber um lugar sem estar nele. Essa ideia foi incorporada na formalização da instalação que inclui caixas de ferro no formato do logo da Vale, onde Cidade depositou a terra que trouxe de Brumadinho, além de uma imagem fotográfica.

Depois da sedimentação da mente é um trabalho que cria uma abstração da catástrofe por meio dos seus resíduos.

Trechos de entrevista realizada por Marcos Gallon, em 5 de abril de 2023, em São Paulo.

.....